

“Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira

Samuel Mendes Vieira*
Leandro Pereira Gonçalves**

RESUMO

Através da análise de fontes relativas à Ação Integralista Brasileira, precisamente, fotografias das solenidades e dos membros do partido, e algumas regras do Estatuto “Protocollos e Rituaes”, redigido por Plínio Salgado, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel que a vestimenta tinha no movimento liderado pelo intelectual modernista, a partir do ano de 1932. As roupas constituem um campo simbólico capaz de exprimir as marcas do tempo bem como as ideologias de um determinado grupo. Dessa forma verificamos que as vestes atuaram como elemento de organização e de identificação dos membros com as ideias integralistas, pois cabia a elas “corporificarem” a rigidez e disciplina que caracterizavam o movimento. O traje integralista, dessa forma, tinha a função de unificar e dar coesão ao projeto pliniano de uma Revolução Espiritual.

Palavras-chave: Integralismo. Roupas. Simbolismo. Doutrina de massa.

* Especialista em Moda, Cultura de Moda e Artes pelo Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); bacharel em Direito pelo Instituto Vianna Júnior; acadêmico, bolsista de IC e monitor do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

** Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (bolsista CAPES); Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Especialista em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Professor Titular do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Pesquisador dos Grupos: Integralismo e outros movimentos nacionalistas (UFF/CNPq); Cidadania, Trabalho e Exclusão (UFJF/CNPq); Movimentos Políticos e Intelectuais na primeira metade do séc. XX (UFRPE/CNPq); Literatura e Autoritarismo (UFSM/CNPq); Observatório da Indústria Cultural (UFF/CNPq); E/Imigrações: histórias, culturas, trajetórias (MACKENZIE/CNPq) e Percursos literários brasileiros (CES-JF/CNPq).

RESUME

À partir de l'analyse des sources relatives à l'Action Intégraliste Brésilienne, précisément, des photographies des solennités et des membres du parti, et quelques règles du Statut "Protocollos e Rituaes", rédigé par Plínio Salgado, l'article suivant a comme but d'analyser le rôle que le vêtement jouait par l'intellectuel moderniste, dès l'année 1932. Les vêtements constituent un champ symbolique capable d'exprimer les marques Du temps ainsi que les idéologies d'un certain groupe. De ce fait on a vérifié que les vêtements agitèrent comme élément d'organisation et d'identification des membres avec les idées intégralistes, puisqu'elles devaient "corporifier" la rigidité et la discipline qui caractérisaient le mouvement. La tenue intégraliste avait donc la fonction d'unifier et de donner au projet "plinien" d'une Révolution Spirituelle.

Mots-cléf: Intégralisme. Vêtement. Symbolisme. Doctrine de masse.

1 INTRODUÇÃO

Alguns fragmentos do passado foram eleitos como indícios para entendermos a dimensão simbólica do que chamaremos “trajes integralistas” e qual sua função na Ação Integralista Brasileira (A.I.B.). Fotografias¹ e um livro são as fontes primárias deste trabalho. As referidas imagens foram capturadas ao longo do período de duração do movimento integralista. Além disso, utilizamos o livro de regulamentos “Protocollos e Rituaes”, editado pelo Núcleo de Niterói, em 1937, de autoria do chefe nacional do partido e criador do movimento integralista, Plínio Salgado².

Através dessas fontes, pretendemos analisar os símbolos integralistas, tais como rituais, juramentos, insígnias. Todavia, o principal objeto de nosso estudo são as indumentárias, ou melhor, o traje integralista, que compreendia a chamada “camisa verde”, envergada pelos homens membros da A.I.B. e as “blusas verdes”, referência que designava o traje feminino para as mulheres integralistas. Chamaremos “traje integralista” para conservar o caráter honorífico que ele possuía e que, conseqüentemente, externava o simbolismo contido na ideologia do Sigma. Dizemos honorífico para conservar o lugar que o traje ocupava no integralismo. Sabemos que o universo simbólico construído pelos chefes da A.I.B. era imenso e não só se restringia à farda, ou melhor, ao traje integralista; nele estavam presentes broches, fivelas de cintos, anéis, xícaras, pratos comemorativos, etc. O traje era usado nas solenidades e no exercício de cargos do movimento, além de constituir-se como um “corpo singular”, absorvido por aquele que o envergava, unificando, assim, a ideologia de Plínio Salgado.

2 INTEGRALISMO: O SOMATÓRIO (Σ) DAS MASSAS

A Ação Integralista Brasileira (A.I.B.) surgiu no cenário político do Brasil republicano no dia 7 de outubro de 1932. Seu idealizador foi o intelectual Plínio Salgado, nascido na cidade de São Bento do Sapucaí, São Paulo, em 1895. Plínio

¹ As fotografias utilizadas para a análise encontram-se na seção “Anexos”.

² Vide “Anexos”: ILUSTRAÇÃO - 08.

se tornou um jornalista conhecido na capital, a partir do ano de 1919, e teve intensa participação nas agitações artísticas e culturais modernistas, tornando-se um romancista de renome com “As crônicas da Vida Brasileira”, uma trilogia composta pelas obras: “O estrangeiro”, de 1926; “O esperado”, de 1931 e “O cavaleiro de Itararé”, de 1933 (GONÇALVES, 2008, p. 46).

Ao longo da década de 1920, o país passou por inúmeras transformações. Entre elas, uma intensa industrialização e urbanização. Nesse novo cenário, os operários intensificaram suas lutas por melhores condições de trabalho e vida. Além disso, em 1922, a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, promoveu no país uma revolução estética e política. A Semana de 1922 representou o grande momento de introdução do futurismo italiano, do expressionismo alemão e de outras vanguardas artísticas europeias no país. A intenção dos modernistas não era a pura e simples aplicação das tendências europeias à realidade brasileira, mas sim promover uma renovação intelectual e artística, abrindo caminhos para um pensamento genuinamente nacional cujo resultado seria uma intensa mudança nas artes, nas literaturas e nas políticas nacionais.

A onda nacionalista tomou conta do país, e as inovações propostas pela Semana se bifurcaram. O líder Oswald Andrade aderiu à militância esquerdista enquanto Plínio Salgado, também um importante modernista, inclinou-se para extrema direita (BERTONHA, 2000, p. 60). Salgado era chefe supremo do integralismo e seu esforço para entender melhor os problemas do Brasil e do mundo levaram-no a se aprofundar em literatura brasileira e europeia e a aproximar-se de ideologias tanto de esquerda quanto de direita. Foi militante do Partido Republicano Paulista, PRP, até 1930 e, por esse partido, elegeu-se deputado estadual no ano de 1927. Depois de se afastar do partido, Plínio seguiu em excursão para Europa onde se deparou com os fascismos que dominavam o cenário político europeu.

Na Itália, observou como funcionava a máquina fascista de Benito Mussolini e se sentiu estimulado a criar algo parecido no Brasil. Em 1935, a A.I.B. funcionou como uma sociedade atlética. Congressos e encontros integralistas se sucederam com o intuito de divulgar o movimento, mas também ocorreram lutas de rua com os militantes antifascistas brasileiros e esses episódios tiveram vários mortos e feridos como consequência.

Em 1936, a A.I.B. tornou-se de fato um partido político. Dessa forma, os membros participaram das eleições legislativas e nomearam Plínio Salgado como candidato a presidente da República. Entretanto, em novembro de 1937,

o então presidente Getúlio Vargas deu um golpe de Estado e as eleições foram adiadas indefinidamente. Plínio apoiou o Estado Novo de Vargas, contando com a nomeação para o cargo do Ministério da Educação, o que nunca ocorreu. Devido a essa quebra de promessa e à tentativa de golpe ao Estado Vargasista, o movimento caiu na clandestinidade em 1938.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ROUPAS COMO “PELE PERCEBIDA”

Analisaremos, brevemente, as roupas e as motivações psicológicas que impulsionam o uso delas. Existem interpretações seculares que apontam dois motivos pelos quais nos vestimos: adorno e proteção (BRAGA, 2007, p. 17-18). Contudo, o psicanalista J. C. Flügel, em seu livro escrito em 1930, *A psicologia das roupas* (1966), fala de uma trindade que perpassa nossas inclinações sobre o vestuário: o enfeite ou adorno – a principal – proteção e pudor. Sob o ponto de vista de Flügel, o enfeite supera o aspecto de proteção e pudor relativo ao vestuário. O psicanalista e grande parte dos estudiosos das humanidades se recusam a dar essa devida primazia à proteção e ao pudor do indumento por conta do caráter extremamente utilitário que tal interpretação possui, o que reduz, em suas palavras, “uma instituição tão importante como a roupa”. (FLÜGEL, 1966, p. 12).

O pudor, que parece estar ligado à tradição bíblica, foi concedido por alguns estudiosos como um caráter a priori, mas restringe-se ao campo antropológico. Enquanto isso, o enfeite goza de abrangência em outros campos científicos e constitui-se como principal motivo para a adoção de vestimentas. Sobre esse embate entre o campo antropológico e psicológico das vestimentas, Flügel esclarece:

Não parece provável que, por esses dados, o psicólogo sintasse inclinado a contradizer o antropólogo quando este considera o enfeite como motivo primário e, de certo modo, mais fundamental que o pudor e a proteção. Os dados antropológicos demonstram principalmente o fato de que entre as raças mais primitivas existem povos sem roupa, mas não sem enfeites. (FLÜGEL, 1966, p. 13).

Ele completa, tratando da natureza secundária embutida no caráter pudico, que, segundo ele, é uma reação em oposição a uma tendência mais primitiva para a autoexibição, além de possuir uma característica flutuante e variável, pois as noções de pudor variam de lugar para lugar, e mais do que de espaço, variam, mesmo circunscritas a um grupo de indivíduos. (FLÜGEL, 1966, p. 14). Essas explanações nos servem como norteadores para entender, sinteticamente, o papel das roupas em nossas sociedades.

Outro caráter que devemos ainda levantar é da indumentária como linguagem. Roland Barthes, ao refletir sobre moda e linguagem (2004), lembra que a indumentária é fortemente significativa e capaz de constituir uma relação intelectual notificadora entre o usuário e seu grupo. Para Barthes, essa função faz do vestuário um fato social, já que as vestes são “pele percebida”, ou seja, aquilo que nos é externado e traduz, em parte, o que somos e o que pensamos. Assim, o vestuário revela muito de uma época, bem como de uma ideologia. As roupas guardam a memória de cada tempo, como demonstração da arte de viver de um período ou de um povo, quando não, as duas coisas ao mesmo tempo.

3 PROPAGANDAS E SÍMBOLOS INTEGRALISTAS: MÁQUINAS DE CONTROLE

O movimento integralista não se fez diferente dos movimentos fascistas europeus no tocante à importância dada ao misticismo e à simbologia. De fato, o integralismo usou todos os recursos simbólicos que foram possíveis e, com isso, o número de adeptos aumentou. O objetivo era corporificar a ideologia e, dessa maneira, popularizar e difundir o movimento que ganhou destaque como o primeiro partido de massas do Brasil.

Insígnias e símbolos são usados pelo homem desde a mais remota antiguidade e a maioria dos povos os ostentam. Eles estão presentes em nosso dia a dia e são aplicados nas comunicações, na heráldica, na propaganda comercial. Especialmente no campo da indumentária, eles surgem em fraternidades e grupos religiosos, esportivos, militares. (BERTONHA, 1992).

Veremos que as roupas constituem importante fator na expressão e afirmação do movimento integralista. “[...] E se renegas o teu juramento, despe a Camisa-Verde e, no momento com nojo de ti mesmo, - busca a morte!”

(CAVALARI, 1999, p. 11), como pode-se perceber no trecho do poema integralista citado, a falha na conduta atinge não só o sujeito, mas suas vestes. A camisa-verde, símbolo máximo integralista, é extensão do corpo. Possui caráter próprio que deve ser respeitado e não se mistura o indecoroso ato de o sujeito se despir.

A simbologia na política, contudo, assume características especiais e diferentes, pois trata-se de uma força organizadora social, além de agir diretamente no sujeito, interna e externamente. Assim, a organização integralista se caracteriza pela forte verticalidade na sua hierarquia cujo chefe máximo era Plínio Salgado que deveria ser respeitado mesmo que não estivesse presente em reuniões.

Os elementos nacionais, como o grito típico “Anauê”, palavra de origem tupi-guarani serviam como fonte da simbologia integralista. O artigo 54 do livro de rituais e protocolos, escrito pelo chefe nacional, explica o fundamento e como a palavra deveria ser expressada:

Art. 54 – Anauê é um vocábulo Tupy que servia de saudação e da grita de guerra áqueles indigenas. É uma palavra affectiva que quer dizer. – “você é meu parente”, - (diccionario Montoya). Como o integralismo é a Grande Familia dos “Camisas-Verdes” e um Movimento Nacionalista, de sentido heroico, Anauê foi a palavra consagrada em louvor do sigma. É a exclamação da saudação integralista. Serve ainda para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. (PROTOCOLLOS E RITUAES, 1937, p. 18).

O grito da palavra tupi “Anauê” era seguindo do “soerguimento brusco do braço direito, distendido pela frente, até a posição vertical, servindo a cabeça de ponto de referência”. (PROTOCOLLOS E RITUAES, 1937, p. 17)³. Nas imagens 01 e 02⁴, é possível ver como era exercida a gesticulação pelos integrantes do partido. Essa prática era uma forma de reconhecimento mútuo dos membros do partido. Nada escapava a esses protocolos e rituais. Segundo Cavalari (1999, p. 164), o objetivo era:

Codificar os dispositivos gerais e mais importantes de seu regulamentos e estabelecer normas, fórmulas e usos que regulem os atos públicos e os cerimoniais integralistas e bem assim fixar honras, regalias, direitos e deveres relativos a todas as autoridades do Sigma. (PROTOCOLLOS E RITUAES apud CAVALARI, 1999, p. 164).

Essa legislação era o controle de todo integralista desde o nascimento até o dia da morte. Todos os atos da vida eram controlados nesse livro de regras, como os batizados, os casamentos e os falecimentos. (CAVALARI, 1999, p 166). As festas integralistas tinham, também, um caráter simbólico muito forte, porque eram estratégias de unificação que davam mais coesão ao movimento. A “Noite dos Tambores Silenciosos”, que servia para comemorar o dia 7 de outubro de 1932, data do “Manifesto de Outubro”, ocorria mediante a mobilização de todas as células integralistas, simultaneamente, seguida de uma complexa sequência de orações e saudações até a meia-noite, quando, por três minutos, o silêncio dos participantes só era interrompido pelo rufar dos tambores para protestar contra a proibição da milícia integralista pelo governo (BERTONHA, 2000, p. 67).

O sigma era o símbolo máximo do movimento. Trata-se da letra grega que corresponde à letra S e indica soma. O capítulo III do livro de protocolos e rituais, no artigo 12 em seus incisos, explica todos os usos da letra:

- Leibnitz escolheu-a para indicar a soma dos infinitamente pequenos;
 - É a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicaram a palavra “Deus”
 - É o nome da Estrela Polar do hemisfério sul.
- (PROTOCOLLOS E RITUAES, 1937, p. 07).

A expulsão do partido só poderia ser realizada pelo chefe nacional e a reintegração também. De acordo com Bertonha, a base do pensamento de Plínio Salgado era a oposição entre materialismo e espiritualismo, um conflito humano existente desde tempos imemoriais. A realidade em que Plínio se encontrava, dos anos 1920 e 1930, expressava a vitória do materialismo sobre o espiritualismo e, segundo o chefe nacional, deveria haver uma revolução espiritual para mudar esse quadro. Dessa forma, nota-se o forte traço religioso em que o movimento se sedimentou. A reintegração, por exemplo, só poderia ocorrer desde que o atingido tenha se penitenciado de sua falta e se tornado dono desse ato de clemência. O mesmo acontecia com o ato de expulsão que simbolizava a morte do militante. Segundo os artigos 150 a 154, a solenidade se realizava de tal forma: “Integralistas! Nosso companheiro (nome) é morto; ele faltou à fé e à sua palavra de honra. Os presentes respondiam: Seja esquecido.” (BERTONHA

³ Artigo 52, capítulo VII – Saudações e Sinais de Respeito: o gesto integralista.

⁴ Vide “Anexos”.

2000, p.43-44)

O utensílios eram fartamente produzidos para comemorações, solenidades ou mesmo para permear o cotidiano. As imagens 05 e 06⁵ permitem ilustrar a dimensão que a ideologia ocupava na vida dos membro da A.I.B..

4 A CAMISA-VERDE: UNIFORME QUE INTEGRALIZA

As roupas, realmente, tinham um papel fundamental e significativo no movimento integralista. A princípio, trataremos delas como uniformes, mas entendemos que são trajes de solenidade e, por isso, exerciam função mais emblemática e honorífica, entretanto, na verdade, serviam como forma de corporificar e uniformizar a ideologia integralista.

As imagens anexadas ao trabalho retratam como as roupas causavam efeito “integralizante” e geravam uma estética particular à doutrina partidária. Seguindo o pensamento de Walter Benjamin, citado por Bertonha, o que ocorria “era uma estetização da vida política” (BERTONHA, 1992).

No Capítulo IV do livro de regulamentos, podemos observar uma sistematização na construção da indumentária integralista. O artigo 26 começa dizendo que a “Camisa-Verde era o uniforme do integralista, aprovado pelo Ministério da Guerra” e segue explicitando o detalhamento dos elementos contidos nas vestes:

Art. 26 - A) Camisa simbólica na cor verde inglês de colarinho pregado por botões nas pontas, passadeiras com 6 cms, na base e com 5 nas pontas que devem ser em semi-círculo, terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos a altura do peito com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo, um círculo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0,5 cm de largura, e sobre o campo branco um sigma preto, cujas dimensões serão de 7 cms por 6 cms. B) Gravata de tecido preto, liso, com laço vertical caída até próximo ao cinto. C) Gorro verde da cor da camisa, de duas pontas, com distintivo idêntico ao do braço colocada do lado direito, com as seguintes dimensões: 4 cms, para o diâmetro do círculo, 0,5 cm para o friso envolvente e 2 cms por 1,5 cms para o Sigma. D) Calças pretas ou brancas. E) Cintos e sapatos, de preferência, pretos. (PROTOCOLLOS E RITUAES, 1937, p. 11).

Essa rigidez revelava o caráter autoritário do integralismo e os uniformes expressam, de alguma forma, a necessidade de construir a identidade e a imagem de uma organização. Dessa forma, podemos concluir que desvirtuar as medidas e dimensões dos elementos do traje era o mesmo que se desvirtuar da conduta integralista. No parágrafo primeiro do artigo acima descrito, há uma recomendação de que é proibido o uso de suspensórios com a camisa-verde e qualquer sinal de degradação da roupa como estiramento das mangas ou mesmo desalinho do traje. (PROTOCOLLOS E RITUALES, 1937, p. 11). Portanto, marcas pessoais ou subjetivas não fazem parte dessa indumentária, uma vez que a coesão com os demais membros era necessária para integralizar a doutrina.

Segundo Pardini, que pesquisa o uso de simbologias em empresas e organizações, o estudo dos símbolos revela formas culturais ricas em fontes de informações. Esses estudos são reforçados pela antropologia, sociologia e psicologia. Pardini assinala que o termo “símbolo” pode ser usado para se referir às coisas que emergem dos valores, pressupostos e ideias compartilhadas na organização que se traduzem, em manifestações visíveis e físicas, como verdadeiros indicadores do cotidiano organizacional. Por exemplo, a vestimenta, a marca, a paisagem e a identidade visual das organizações podem ser experimentados para dar significado e serem utilizados por seus integrantes. São simbologias construídas no percurso histórico da organização que trazem um sentido de identificação para os funcionários e todos aqueles envolvidos diretamente nas atividades organizacionais. (PARDINI, 2008, p. 52).

Assim, a roupa tinha a função primordial de dar corpo ao movimento de Plínio Salgado. Nas imagens anexadas, podemos notar o efeito que o traje denotava quando usado em reuniões, como mostra a ilustração 03⁶ na qual aparecem mulheres integralistas a quem cabia usar saia branca. Reunidas lado a lado, parecem formar um só corpo na fotografia. Não existe singularidade, tudo se unifica, soma-se, tornar-se um, como desejava o chefe nacional. A mesma significação pode-se extrair da ilustração 04⁷ que mostra os homens. Os gestos dos soldados ao posar também revelavam a unidade no comportamento e pensamento na Ação Integralista Brasileira.

⁵ Vide “Anexos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar as roupas como objetos que exprimem traços das relações humanas. Vimos que a Ação Integralista Brasileira, a A.I.B., foi o primeiro partido de massas do país e, dessa forma, teve que se munir de um arsenal simbólico forte para gerir seus membros, mantendo a coesão da ideologia traçada pelo intelectual e líder Plínio Salgado.

Concluimos que a corporificação da doutrina integralista se deu através da adoção de uma vestimenta de caráter simbólico e unificador que chamamos de “traje integralista”. Nele e em seus elementos estruturais estão contidos todo o autoritarismo e a rigidez do movimento que teve início em 1932. Manter a força da ideologia, do norte ao sul do país, foi uma tarefa árdua para os dirigentes do partido, portanto se fez necessário tecer uma teia de ligações que uniformizassem os membros, gerando, assim, uma coesão ideológica.

O uniforme, além dos gestos e ritos, cumpriu a tarefa da visualidade, da estética. A singularidade que as roupas podem exprimir é extinta a partir do momento em que se impõem regras unificadoras para o traje dentro de uma organização. Dessa forma, gera-se uma imagem e uma identidade que trazem um sentido de identificação e unidade entre os membros.

⁶ Vide “Anexos”.

⁷ Vide “Anexos”.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, João Fábio. Nas hostes do Sigma. In: _____. **Fascismo, Nazismo, Integralismo**. São Paulo: Ática, 2000. p. 59-68.

_____. A máquina simbólica do integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30. **História & Perspectiva**, Uberlândia, v. 7, 1992.

BRAGA, João. **História da Moda**: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

CAVALARI, R. M. F. Os símbolos e os ritos integralistas. In: _____. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p.163-209.

FLÜGEL, J. C. Os motivos fundamentais. In: _____. **Psicologia das roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966. p.11-18.

GONÇALVES, L. P. O “Valor Autêntico” de Plínio Salgado: o pensamento ideológico nacionalista em ‘O Estrangeiro’. **Tempos Históricos**. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2007. p. 45-68.

PARDINI, D. J. Manifestações simbólicas nas relações intra interorganizacionais. **Revista E & G** – Revista de Economia e Gestão da PUC Minas, v. 8, n. 17, p.51-69, 2008.

PROTOCOLLOS E RITUAES – Regulamento publicado no “Monitor Integralista” n. 18 – Edição do Núcleo Municipal de Niterói – ano 1937.

ANEXOS⁸



ILUSTRAÇÃO 1



ILUSTRAÇÃO 2



ILUSTRAÇÃO 3



ILUSTRAÇÃO 4



ILUSTRAÇÃO 5

⁸ Fonte: IMAGENS do Sigma. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.



ILUSTRAÇÃO 6



ILUSTRAÇÃO 7



ILUSTRAÇÃO 8